

Horário Político de Propaganda Eleitoral como fontes históricas: possibilidades na prática historiográfica moderna.

SUELLEN CERQUEIRA DA ANUNCIACÃO DE SOUZA^{1*}

Ao lançarmos luz sobre as possibilidades do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral como fontes históricas, problematizamos da seguinte maneira: como o Horário Político de Propaganda Eleitoral (HGPE) exerce influência sobre o eleitorado? Pois tomamos como referência as eleições ocorridas no âmbito estadual no Estado de Mato Grosso do Sul em 1998, onde o que nos intriga neste fato é a ascensão de um candidato oriundo do Partido dos Trabalhadores a vencer disputa e governar o estado de Mato Grosso do Sul, território até então não ocupado pelo Partido dos Trabalhadores na esfera estadual, e Zeca do PT então inaugura este novo momento.

Esta análise pretende-se inédita pela singularidade ao propor a inversão do olhar: como os sujeitos comuns recebem a exposição dos candidatos ao poder através do Horário Político de Propaganda Eleitoral? e principalmente como processam as informações oriundas deste suporte midiático ornado por representações, dramatizações e estratégias de convencimento.

Na tentativa de compreender este processo iniciamos a investigação através de documentos que nos trazem algumas evidências relevantes: vídeos da campanha dos candidatos envolvidos na disputa eleitoral, material de campanha da coligação Muda Mato Grosso do Sul, revistas e publicações relacionadas as eleições no período, entrevistas realizadas com os professores atuantes no período.

Na análise dos vídeos, ao observar os candidatos se apresentando, informando propostas e intencionalidades, buscamos uma interpretação a partir da contribuição reflexiva que o autor Carlo Ginzburg, em sua obra *Mitos, emblemas e sinais* nos remete: partindo da premissa que toda realidade exposta está cheia de detalhes que nos possibilitam enxergá-la com uma profundidade pouco usual, sendo assim nos atentamos

¹ Graduanda do Curso de História - Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

aos detalhes desta fonte observando as entrelinhas, o que se materializava como dito, e o que era verbalizado de forma subjetiva.

Ao analisarmos o panorama anterior às eleições de 1998 a primeira constatação é que o Mato Grosso do Sul é marcado pela forte presença de figuras históricas do antigo Mato Grosso, como por exemplo, Pedro Pedrossian, governou o Estado de Mato Grosso do Sul no período de 1980 a 1982 nomeado pelo Presidente da República João Figueiredo. Com as eleições diretas em 1982, o candidato eleito é Wilson Barbosa Martins que governa até 1986. No período de 1987 até 1991 o Estado é governado por Ramez Tebet (vice- governador) e Marcelo Miranda Soares em seguida.

Em seguida temos o retorno de Pedro Pedrossian que governa de 1991 até 1994. E no período seguinte, entre 1995 até 1999 temos novamente Wilson Barbosa Martins a frente do governo do Estado.

Sendo assim, vale lembrar que Wilson Barbosa Martins governou Mato Grosso do Sul por duas vezes: de 1983 a 1986 e de 1995 a 1998. Em ambos os mandatos, chegou ao poder por eleições diretas e Pedro Pedrossian também governou Mato Grosso do Sul, por duas vezes, de 1980 a 1983, a partir de indicação política, de 1991 a 1994, por eleição direta.

Diante desta continuidade no poder político do Estado durante décadas, vemos de forma coerente a avaliação de Marisa Bittar², em relação a este período: caracterizando a contradição entre elementos novos (democráticos) e velhos (conservadores), pertinentes a superação do regime militar e a implantação do Estado Democrático de Direito.

Segundo a mesma autora, tal alternância destes sujeitos no poder nos remete a pensar a criação do Estado de Mato Grosso do Sul e sua histórica biografia de administração por elites agrárias suas intenções e a maneira como esses grupos se organizam para delinear e construir uma estrutura político-administrativa que refletisse seu poder e seus interesses, e como atuaram politicamente durante um período considerável, para manter a sua condição econômica e assim compondo uma hegemonia, no sentido de realizar uma combinação de direção política, moral e cultural exercida através da dominação com consentimento manifestado de forma passiva, por meio de um apoio coletivo, tendo o

² Marisa Bittar contribui de forma relevante sobre a temática do estado de Mato Grosso do Sul. Iniciou a sua carreira docente em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, lecionando História no ensino médio e assessorou a Secretaria de Estado de Educação. No contexto da ditadura militar, foi fundadora do Movimento Mato-Grossense pela Anistia e Direitos Humanos e estudou no Instituto de Ciências Sociais de Moscou. Ingressou como professora concursada no Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo sido fundadora e primeira presidente da Associação Nacional de História - ANPUH, Núcleo de MS. Na área de História do Brasil trabalha com temas sobre ditadura militar, geopolítica, regionalismo e elites políticas

Estado como instrumento para suas realizações, consolidações e reprodução. (GRAMSCI, 2000, p.199).

É este grupo de grandes proprietários rurais que origina uma elite política e suas aspirações de poder, no caso a gestão do Estado se faz necessária para atender seus interesses, tais elementos nos levam a comparar o processo político no Estado de Mato Grosso do Sul ao períodos históricos anteriores (até 1930) onde a experiência de um modelo político oligárquico aprofundou as diferenças sociais no Brasil, durante um longo período de gestão pública realizada por indivíduos que possuem grande concentração de terras, ou seja os latifundiários, e estes de certa forma exercem o controle político e econômico sobre a população.

Concordamos com a análise de Bittar, quando nos deparamos com características em comum de dois candidatos na disputa de 1998: os mesmos se encaixam no perfil de grandes proprietários de terras, e ligados a grupos políticos da elite agrária. O que vai de encontro às leituras de diversos autores que pesquisam política e poder no Estado de Mato Grosso do Sul, como Marisa Bittar, Bartolina Ramalho Catanante, Ester Sena e Jorge D'Ávila, onde afirmam que o poder econômico provindo da grande propriedade rural é um dos traços característicos do estado do Mato Grosso do Sul desde o processo divisionista³ em que foi deste grupo que se originou uma elite política que, mais tarde, dirigiria o novo estado de Mato Grosso do Sul.

Chegando ao cenário de 1998, temos na disputa política três candidatos: Pedro Pedrossian, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); Ricardo Pereira Bacha, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), apoiado pelo ex-governador Wilson Barbosa, e José Orcírio Miranda dos Santos, o Zeca do PT, do Partido dos Trabalhadores (PT).

Entre esses candidatos, verificamos que os dois primeiros dão margem a um projeto continuísta, pois Pedro Pedrossian, que tinha como padrinho político o senador Filinto Muller (este pertencente a uma família de tradição na política mato-grossense, sendo descrito como uma das mais polêmicas e controvertidas figuras da política

³ A divisão do Estado do Mato Grosso, promulgada no ano de 1977, é um marco da coroação da luta separatista promovida por nortistas e sulistas em embates políticos, ideológicos e até mesmo físicos que perduraram por cerca de cem anos. Fatores socioeconômicos e políticos distintos aliados à força política e econômica dos fazendeiros do sul de Mato Grosso, contribuíram para o nascimento de ideias divisionistas, e colaboraram para a posterior separação das regiões Norte e Sul do Estado do Mato Grosso. Conforme artigo de Linive Correa publicado nos anais do XII encontro da Associação Nacional de História, Seção Mato Grosso do Sul.

nacional, acusado de ser torturador de presos políticos durante o Estado Novo) foi governador por diversas vezes e teve sua administração marcada por atitudes autoritárias e centralizadoras e tenta pela quarta vez sua reeleição no pleito de 1998. De outro lado, temos Wilson Barbosa Martins (membro de uma família de grandes produtores rurais e tradição política) operando apoio ao candidato Ricardo Bacha. Conforme Menegat nos postula:

Durante algumas décadas a sociedade sul-mato-grossense assistiu a um casamento bem-arranjado, uma espécie de dobradinha entre as grandes oligarquias, que controlavam não só as extensas áreas destinadas à criação de gado, mas também o poder político no estado.(MENEGAT,2009,p.44)

Quem vence as eleições em segundo turno é o candidato Zeca do PT. Em função deste fato é lançada a hipótese: teria a população sul-mato-grossense nestas eleições rompido com os tradicionais políticos? A vitória de um candidato do Partido dos Trabalhadores vem ao encontro dos anseios da população naquele período?

Já os outros candidatos são descritos como a “direita”, que supostamente representaria uma visão mais conservadora, ligada a um comportamento tradicional, que busca

Na tentativa de compreender um pouco dos perfis dos candidatos e de qual forma apresentaram suas propostas nesta disputa, realizamos a análise do material de campanha, mais especificamente o horário eleitoral exibido durante o período de campanha na busca de responder questões lançadas no momento da escolha da pesquisa: pensar como os candidatos incorporam os anseios populares em seu projeto de poder.

Sabemos que a propaganda política é o meio pelo qual a maioria dos eleitores conhecem os candidatos, entretanto, utilizar imagens e edições de vídeo como fonte historiográfica compreende um grande desafio, pois precisamos identificar, entre ícones, técnicas, e efeitos audiovisuais, aspectos omitidos, entrelinhas e afirmações, que constroem um universo representativo, estratégico e envolvente para alcançar e convencer o eleitor.

Observando que as fontes audiovisuais ganham crescentemente espaço na pesquisa histórica, estas serão aqui utilizadas com cautela, isto significa não tomá-la com a visão objetivista de efeito da realidade, nem com a visão simplesmente subjetiva ou ilusória da realidade, mas sim buscando relacionar a linguagem técnico-estética destas

fontes com o contexto sociocultural em que foram produzidas e que circulam em seu conteúdo narrativo, construindo a ideia de “ler” esse material de forma metódica e sistêmica buscando extrair interpretações de cunho social, cultural, e ideológico, além de tensões históricas envolvidas, fazendo uma leitura técnica e sociológicas destas fontes, como nos orienta Marcos Napolitano em seu livro: *A História depois do papel*:

Na perspectiva da moderna prática historiográfica, nenhum documento fala por si mesmo, ainda que as fontes primárias continuem sendo a alma do ofício do historiador. Assim, as fontes audiovisuais são como qualquer outro tipo de documento histórico, portadoras de uma tensão entre evidência e representação. (NAPOLITANO, 2002, p.237)

Atenta-se aqui ao fato de que a propaganda política auxilia os pretendentes ao posto de representantes populares a convencer os eleitores da sua capacidade para representá-los nas esferas políticas. Se em épocas anteriores isto podia ser feito por meio de interações face-a-face, imposição de voto com base em critérios econômicos, entre outras circunstâncias, na política atual o meio de se fazer é através da construção e disseminação de imagens, concluindo assim que propagandas políticas são articuladas com o conhecimento de que a mídia ocupa um papel fundamental na sociedade contemporânea, pois é capaz de atingir o imaginário coletivo: suas aspirações, seus anseios, medos e esperanças. O que em última instância é também uma imposição econômica pois poucos candidatos tem condições de fazê-los contratando marqueteiros e equipe de produção que se utilizam de inúmeras técnicas e efeitos publicitários sedutores.

Ao nos debruçarmos sobre o material audiovisual exibido no Horário de Propaganda Eleitoral na disputa no Estado de Mato Grosso do Sul, em 1998, validamos a sua utilização, por sua relevância, pois são muitos os pesquisadores que relatam a importância do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) para as disputas eleitorais, em termos de influência na opinião do eleitor, conforme verificamos em análise de pesquisas que contemplavam a audiência de eleitores ao Horário de Propaganda Eleitoral.

Procuramos realizar uma análise do perfil dos candidatos a partir deste instrumento de representação, e como estes buscam atingir e convencer os eleitores sul mato-grossenses com suas propostas e seus discursos, assim retornamos a hipótese lançada no início do capítulo: como os candidatos permeiam o imaginário coletivo, buscando captar seus anseios e incorporar demandas populares e como isto se

correlaciona com seu projeto de poder ilustrado no Horário Político de Propaganda Eleitoral.

O candidato Ricardo Bacha, inicia sua aparição no horário político de propaganda eleitoral (HGPE) exibido durante o período as eleições estaduais de 1998 no Estado de Mato Grosso do Sul veiculada nos períodos vespertino e noturno nos 35 dias que antecedem as eleições sendo exibido simultaneamente em todas emissoras de TV aberta do Estado a partir do dia 15 de agosto de 1998. Instituído pela lei Nº 4.737, de 15 de julho de 1965, que criou o Código Eleitoral Brasileiro.

Com o *slogan* “nossa terra vai brilhar” observamos que o mesmo investiu na construção de sua imagem, com um enfoque bem personalista, apostando no apontamento de riquezas do Estado, até de uma forma romantizada, e sua inclinação ao desenvolvimento.

O vídeo⁴ inicia com alguns efeitos de edição em seguida mostra algumas crianças caracterizadas como indígenas brincando e pulando em torno da bandeira do Estado de Mato Grosso do Sul, com uma música instrumental suave e o áudio ao fundo: “...mato grosso do sul, um estado de muitas raças, um povo que plantou suas sementes neste chão e viu brotar uma gente morena: Mato Grosso do Sul: terra criança, pele de sol, olhos de céu.”

Em seguida aparece a figura de Ricardo Bacha trajando uma camisa de cor clara, com o primeiro botão aberto usa barba e cabelos aparados e não é possível observar o uso de algum tipo de maquiagem. Interessante observar que ao projetar esse visual, o candidato se distancia de uma imagem formal de políticos tradicionais (sem o uso de terno e gravata). Ao fundo uma bandeira do Estado, olhos fixos na câmera em ângulo reto, e prossegue gesticulando com movimentos das mãos de afirmação, e voz firme e segura:

“Meu nome é Ricardo Bacha e sou candidato a governador de mato grosso do sul, eu nasci nesta terra, conheço a força e o valor do meu povo, e é por este povo que eu estou lutando. Todo meu trabalho no governo do estado vai ter um só objetivo: melhorar a vida da nossa gente. Durante esta campanha vou mostrar a vocês que tudo isto é possível. somos um estado rico com muito potencial para crescer e tenho certeza de que com trabalho e competência vamos fazer do estado de mato grosso do sul em estado mais desenvolvido e mais justo, com oportunidade de trabalho e de uma vida melhor para todos”.

⁴ Vídeo extraído em 02/01/2016: <https://www.youtube.com/watch?v=0YBdACITqdU>

Ao se apresentar, o candidato pecuarista do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), se coloca como pertencente genuíno do Estado, e se diz conhecedor dos habitantes de tal local, observamos assim que o referido candidato tenta fixar um sentido de identidade e pertencimento em relação ao Estado de Mato Grosso do Sul, tornando isto um atributo para sua capacidade de administração. Em sua apresentação, fica evidente a tentativa de uma construção representativa de sua imagem, que induz e condiciona a uma boa realização de sua atuação como governador, ao se declarar “nascido na terra” e conhecedor da “força e valor do povo”.

Está implícito que se utiliza das circunstâncias, manifestando seu possível conhecimento de característica dos sujeitos o qual intitula “povo sul mato-grossense” em seus aspectos étnico, social, individual, político, cultural, enfim, nas mais diversas e inúmeras facetas que elas representam.

Continua ainda incorporando no seu discurso uma “luta” por este povo, traduzindo assim que a sua candidatura a governador seria parte desta luta. Luta esta que o candidato verbaliza em primeira pessoa do singular, de forma genérica, não especificando que seja uma forma de competição de forças, de habilidade, de ciência ou de faculdades intelectuais, traduzindo assim que tal luta seria protagonizada pelo “eu”, além disto evidencia também o “meu” na promoção dos trabalhos no governo do Estado.

Em sua argumentação, vemos nitidamente no discurso do candidato a apropriação de uma identidade sugerindo um sentimento de pertencimento, colocado de maneira estratégica, na tentativa de convencimento do eleitorado.

A estratégia eleitoral contida nas cenas cotidianas de sua intimidade familiar prossegue em direção ao personalismo do candidato, onde entendemos sob o viés da História na indissociabilidade entre público e privado revelando uma pretensão: atingir a camadas específicas de eleitores, cujas características principais são: eleitores com poder econômico baixo e dependente de amplos serviços de responsabilidade do Estado. Ao utilizar imagens cotidianas, memórias de familiares cujo contexto e aparições envolvem pessoas e ambientes sociais, nos quais acontecem, cotidianamente, as interações sociais, orientadas por sentido entre indivíduo e sociedade.

O candidato Pedro Pedrossian Sua propaganda tem sua imagem projetada no centro de um fundo azul exibindo discretamente a coligação partidária no canto inferior direito, o candidato inicia sua fala de forma compenetrada e objetiva dizendo:

“Meus amigos hoje eu gostaria de abrir meu coração para vocês de uma forma que eu talvez nunca tenha feito antes, veja: não há um único dia em que eu não encontre uma pessoa que me pergunte: Dr. Pedro porque a essa altura da vida o senhor quer ser governador outra vez?”

Está aí uma pergunta que eu também me fiz muito. Afinal, o que um homem como eu que já foi governador por três vezes, um homem que já experimentou o que é ter poder, um homem que hoje poderia estar aproveitando o que lhe resta da vida, vivendo com sua família, com seus netos, fazendo o que bem entender, pescando até...o que faria esse homem enfrentar as durezas de uma campanha política.eu vou dizer pra vocês: Deus olhou muito por mim, nestes meus setenta anos, nasci pobre,estudei,trabalhei e o destino quis que eu fosse governador por três vezes. E é aí que se explica tudo. Vocês sabem o que é ter sido três vezes governador? Significa muita experiência, e experiência a gente ganha com os acertos e com os erros cometidos. Vejam eu já errei o suficiente para saber o que eu devo e o que eu não devo fazer. E se deus me deu a oportunidade de acumular tanta experiência, não acho justo jogar tudo pro alto e ir pescar. Principalmente quando olho para trás e vejo que ainda tem muita coisa para fazer por este povo. Reconheço que foi muito o que já fiz, mas tenho que acabar o que comecei. Finalmente todo mundo sabe, sou o candidato do povo, porque se fosse pela maioria dos políticos, eu nem estaria aqui. E é por causa deste mesmo povo, que eu vou ser governador pela quarta vez. Nunca me senti tão forte para enfrentar esse grande desafio. Muito obrigado.”

A propaganda veiculada acima apresenta o candidato se utilizando de uma estratégia personalista para convencer o eleitor, pois ao anunciar que “irá abrir o coração”, o candidato se coloca em uma relação íntima com o expectador/eleitor, confirmada por trata-lo intimamente de “meu amigo”.

Este candidato, em especial, nos chama atenção por sugerir uma resposta pessoal ao que ele informa “porque a esta altura da vida o senhor quer ser governador outra vez?”. Ele responde de maneira que nos chama atenção, pois se coloca como um homem que “já experimentou o que é ter poder”.

Diante de tal fala, observamos que o candidato em questão relaciona sua prática política com “poder”, conferindo um sentido pessoal deste poder como propriedade conferido ao governante que impõe sua vontade perante os governados.

Nesse sentido, tal verbalização, nos remete ao tema das heranças e das continuidades na História, pois a fala do candidato nos leva a pensar sobre o poder, e tomamos aqui a concepção sociológica de Max Weber, onde poder seria a probabilidade de impor seus pensamentos e vontades dentro de uma relação social legitimado em um fundamento, que neste caso seria o Estado como espaço privilegiado para o exercício deste poder.

Weber nos ajuda ainda a compreender o perfil do candidato através de suas contribuições ao descrever sobre o fazer política, onde define:

Há duas maneiras de se fazer política. Ou se vive para a política ou se vive da política. Nessa oposição não há nada de exclusivo. Muito ao contrário, em geral se fazem uma e outra coisa ao mesmo tempo, tanto idealmente quanto na prática. Quem vive para a política se transforma, no sentido mais profundo do termo, em “fim da sua vida”, seja porque encontra gozo na simples posse do poder, seja porque o exercício desta atividade lhe permite achar equilíbrio interno e exprimir valor pessoal, colocando-se a serviço de uma “causa” que dá significação a sua vida. (WEBER,2011, p. 66)

Como o candidato coloca em sua fala, ele defende uma “causa”, que é tão imprescindível, que ele é capaz de abrir mão de sua vida pessoal para se dedicar a tal missão, mesmo com os empecilhos e desafios postos. Tal fala mostra o viés personalista dada a campanha de Pedro Pedrossian, que é reforçado quando se julga predestinado divino, em sua fala: “Deus olhou muito por mim...”, o que revela uma tentativa de dominação do tipo carismática (seguindo os mesmos preceitos de Weber para entender esta relação), onde ao ser um “escolhido por Deus”, se torna diferenciado e através de suas qualificações carismáticas pode cumprir seu desígnio. Isto se reforça quando finaliza uma parte de sua fala se descrevendo como pobre, e percorrendo uma trajetória de estudo e trabalho, e finalmente atribuindo ao “destino” sua posição como governador por três vezes.

Toda construção do discurso do candidato, se pauta em um personalismo, onde o candidato ocupa maior tempo de seu horário de propaganda com um discurso de autopromoção, na tentativa de sensibilizar o eleitor.

O candidato José Orcírio Miranda dos Santos Zeca do PT foi o vencedor das eleições em segundo turno, obtendo 61,27 % dos votos válidos e sua campanha no HGPE se inicia da seguinte forma.

A propaganda apresenta cenas que tentam representar o cotidiano do estado sul mato-grossense: um menino de aproximadamente oito anos de idade correndo por um extenso rio em uma paisagem típica do interior do Estado de Mato Grosso do Sul, em um dia ensolarado, homens andando a cavalo, imagens do pantanal, crianças lavando roupas na beira do rio, crianças indígenas, canoieiros, barcos com pescadores em meio a faces de pessoas enquadradas de modo centralizado no ângulo da câmera.

Em seguida surgem imagens do candidato percorrendo as ruas de uma cidade (provavelmente Campo Grande), em meio a pessoas caminhando, ambulantes, comércios ao fundo, demonstrando um cotidiano típico urbano. Em determinado momento aparece o candidato aparentemente discursando em um microfone em uma praça, com ênfase nos gestos e expressões faciais, sempre ao fundo uma música instrumental suave se mantendo sempre no mesmo timbre.

O vídeo da campanha⁵ segue com grande alternância de imagens, em meio ao candidato sempre discursando de forma enérgica trajando camisa de botão e sempre com a expressão forte e rosto coberto de suor, em outros momentos aparece o candidato trajado de modo formal: blazer, gravata e paletó em órgãos públicos (Assembleia, câmara de vereadores) são exibidas cenas de grupo de pessoas caminhando em estradas, aludindo a uma representação de Movimentos Sociais de Trabalhadores Rurais, mulheres, brancas, indígenas e negras carregando crianças nuas no colo, estas últimas são filmadas de um ângulo mais próximo, com suas faces bem enquadradas na câmera, crianças magras e com poucas roupas brincando descalças em ruas não pavimentadas, imagens de comícios eleitorais, passeatas em ruas e avenidas com uma concentração expressiva de pessoas com placas e cartazes reivindicatórios do tipo: “não queremos morrer de fome, greve já”, entre alguns outros que não são possíveis de fazer leitura devido à falta de nitidez nas imagens.

No fundo um narrador descrevendo de forma poética a biografia do candidato:

Existe um rio por testemunha de um menino criado na vizinhança do horizonte, de pais humildes, herdou a coragem e a esperança, e foi assim se atirando para o amanhã, como uma semente que se agasalha no chão, que o menino olhando para o rio cresceu, aprendendo a reconhecer em sua gente, um destino comum de vencer as correntezas da vida e olhar o mundo com o olho da alma. se fez sabedor de leis e no trabalho forjou o próprio crescimento, como bancário, Zeca aprendeu a revelar toda encruza da injustiça, com firmeza lidera o combate à exploração, ao abandono e ao descaso como somos tratados pelos parasitas que se revezam no poder.

O menino, ornado de ousadia, virou Zeca do PT, a nossa marca, a cara de quem na lida aprendeu a libertar o outro o próprio grito aprisionado no peito. É nosso deputado em defesa das mulheres, negros índios, professores, sem-terra, comerciantes, agricultores, funcionários públicos.

Se tornou deputado estadual, com dignidade deu bom destino ao nosso voto, mas é preciso mais, a cada etapa, nova estação, e Zeca se arvorou por Brasília, porto alegre, conhecer gente como ele nas melhores administrações do país, debateu ideias, buscou experiências, José Orcírio dos santos, 48 anos, advogado, pai de três filhas, nosso governador.

⁵ Extraído em 16/02/2016 em: <https://www.youtube.com/watch?v=rgAkqijpgMA>

Na narração, percebemos que a descrição do candidato se desenvolve em meio a elementos de fundo poético, que buscam enredar a trajetória do candidato tendo como cenário de representação um rio, alusão que se faz as características naturais do estado de Mato Grosso do Sul, em seu aspecto geológico, onde as águas do Pantanal compõem a região. Tal ilustração busca atrelar a imagem do candidato como um sujeito que é fruto deste lugar, associado a aspectos de sua construção social, onde busca representar a imagem de um cidadão que se indigna com as injustiças sociais que acontecem em seu território e busca combatê-las, como na passagem: “... Aprendeu a revelar toda incruzeza da injustiça, com firmeza lidera o combate à exploração, ao abandono e ao descaso como somos tratados pelos parasitas que se revezam no poder...”

Nesta última afirmação do narrador fica claro a crítica sutil que se revela perante a estrutura política que lhe antecede, como já discutimos anteriormente, o revezamento na gestão do Estado pelos dos ex-governadores Pedro Pedrossian e Wilson Barbosa Martins.

No momento em que o narrador fala que o menino virou Zeca do PT, revela o personagem como homem atuante na política pública, e demonstra que sua atuação foi em favor de grupos humanos que conforme análise dos processos históricos e contemporâneos se encontra em desvantagem e sofrem com a exclusão social. Assim, a estratégia de campanha busca aproximar o candidato como representante destes grupos, revelando assim o candidato como produto social do próprio Estado, e conseqüentemente sendo o melhor representante.

A edição segue com imagens de pessoas diversas em seu cotidiano, pelas ruas: senhores, crianças, mulheres, indicando o número treze com os dedos, como representação do número do candidato. Ao fundo o jingle sistemático: faz 13 acontecer, sincero pode crer, 13 pra valer.

As cenas se alternam, com um fundo musical revelando as belezas naturais de mato grosso do sul, e um menino trajando apenas bermudas de tecido, com os pés descalços, correndo com a bandeira do estado de mato grosso do sul por diversos cenários naturais: cachoeiras, córregos, estradas rurais, e finda-se o garoto entregando ao candidato Zeca do PT a bandeira, com os dizeres :o futuro do Brasil.

A representação desta cena busca atingir o imaginário dos expectadores de forma sutil, pois a figura da criança, que representa o próprio candidato, carrega um lema de

forte carga emotiva e denominado: “O futuro do Brasil”, conferindo assim um aspecto de “bem comum” representado pelos dizeres na bandeira entregue ao candidato.

Em seguida o candidato entra em cena: trajando camisa de botão de cor clara, sentado com as mãos no enquadramento da câmera, aparentemente sem nenhum recurso de maquiagem, olhos fixos, gesticulando com as mãos fechadas com a fala:

O presidente Fernando Henrique Cardoso não vai virar as costas para o nosso povo, o presidente de todos os brasileiros não negará apoio a um governo que combaterá a corrupção, aplicará corretamente os recursos, e terá projetos exemplares na área de educação, saúde, geração de empregos e segurança. Nós vamos construir uma relação com o presidente da república baseada no princípio da moralidade, do respeito e da ética.

Este pequeno trecho acima é o único momento em que o candidato de fato fala diretamente voltado para a câmera, e seu discurso se inicia com o atual presidente da república da época informando que o mesmo” ... não irá virar as costas para o nosso povo...”.

Diferentemente dos outros candidatos, a campanha exibida do candidato Zeca do PT se utiliza de uma lógica diferente no convencimento ao eleitor: associa o indivíduo, no caso o candidato a um envolvimento em causas coletivas e sociais, com uma pitada mais sofisticada de dramaturgia na construção do roteiro de apenas quatro minutos e meio.

Assim, ao analisarmos os candidatos atuando no horário político, verificamos de forma clara esta busca por povoar o imaginário com referências distintas: um utiliza de aspectos pessoais, outro de sua atuação em gestões anteriores, outro de sua possível aproximação em movimentos sociais.

Todos se utilizam de estratégias persuasivas que são pertinentes a produção da mídia no HGPE para convencer o eleitorado, mostrando que a disputa eleitoral pode ser percebida como um embate entre diferentes estratégias de persuasão.

[...] o estudo de processos eleitorais só se completa quando entendido como um processo de comunicação política de duas vias, onde dois atores candidatos e eleitores dialogam e estabelecem um pacto fundamentado numa troca de intenções: os eleitores querem que seus desejos, interesses e demandas sejam implementados e os políticos querem ser eleitos. (FIGUEIREDO,1997, p.23)

A disputa se encerra com os seguintes números: o candidato Pedro Pedrossian ficou em terceiro lugar na disputa, obtendo 27,42 % dos votos válidos, entre estes 12,53% na capital e 14,90% no interior. As eleições foram levadas para segundo turno, onde foi disputada pelo candidato Roberto Bacha, com 32,77% dos votos e Zeca do PT com 38,50 % dos votos válidos.⁶

Tais dados demonstram que o eleitor de Mato Grosso do Sul, em sua maioria optou pela descontinuidade não elegendo Pedro Pedrossian, apontando novas perspectivas para gestão do Estado levando o candidato Zeca do PT para o segundo turno com Ricardo Bacha, onde o primeiro vence com um pleito apertado, pois como mencionado no início até então o Partido dos Trabalhadores não possuía uma penetração política no Mato Grosso do Sul, conforme análise de autores investigadores da temática:

“O valor simbólico dessa impressionante eleição foi o fato de que não ganhou apenas a esquerda, mas derrotando, de uma só vez, os dois grandes chefes políticos que dominavam a política estadual desde a divisão de Mato Grosso. Venceu a dialética. [...] A mudança ocorrida em 1998 foi fruto da persistência e da inteligência das esquerdas sul-mato-grossenses, mas foi também o esgotamento, a falência de um projeto continuísta representado pelas elites agrárias que, ao se dividirem no segundo turno, selaram seu destino.” (FERREIRA, 2001, p.72).

Esta possível penetração do Partido dos Trabalhadores no território sul mato-grossense nos leva a refletir sobre qual foi o possível fator determinante no momento do voto, que justificaria a escolha do eleitorado por um candidato que se afirmava como ruptura em relação a suas práticas políticas.

Constatamos que a propaganda política, sem dúvida nenhuma exerce algum efeito sobre a intencionalidade dos eleitores, porém esse efeito passa pelas lentes avaliativas do expectador: avaliação do estado conforme sua concepção de modelo político, avaliação de desempenho dos governantes com base em critérios materiais (o que esse faz ou não faz), avaliação da trajetória pública e pessoal do aspirante ao cargo público, até a identificação pessoal com o candidato, revelando tensões e conflitos existentes em todo processo político nos regimes democráticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁶ Estes dados foram extraídos do site do Tribunal Regional Eleitoral, em 20/06/2016.

- ALBUQUERQUE, Afonso de. **Aqui você vê a verdade na tevê: a propaganda política na televisão.** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999. (Dissertação, Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação - MCII), (Publicação do MCII).
- BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do estado sonhado ao estado construído.** São Paulo, 1997, 540 p. Tese (Doutorado) – USP.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, (1929 – 1989) A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- CATANANTE, Bartolina. **A política educacional em mato grosso do sul. (1999 – 2002).**
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006
- FEBRE, Lucien. **A Terra e a Evolução Humana. Introdução Geográfica à História.** 2ª ed. Lisboa: Cosmos, 1991 (1922).
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- D’Avilla, Jorge. **O ensino médio na “Escola Guaicuru: vivendo uma nova lição”: possibilidades e limites de uma política educacional.** 2011
- CARLO GINZBURG. **Mitos, emblemas e sinais.** 1989, p.143-189.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.
- MATO GROSSO DO SUL - Programa de Governo, 1998, p.12
- MANIN, Bernard. **As metamorfoses do governo representativo.** In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (RBCS), n.29, out. 1995.
- MENEGUELO, Rachel. Electoral behaviour in Brazil: **The 1994 presidential elections.** In: *International Social Science Journal*, New York, v.146, p.627-642, Dec. 1995.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a Tv na sala de aula.** Editora Contexto, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral Diferente.** In: Proj História, São Paulo, 1997.

REMOND, René (orgs). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**- São Paulo, 2011.